

A PROPÓSITO DE AMOR

Por *Durval Checchinato* | Palestra¹

Definiu a sorte do ser humano numa só palavra *Hilflosigkeit*.

Ele nasce numa condição “sem ajuda”, sem amparo. Ele é um “derrelito”, “desamparado”. Sua derrelição é total. Ele é o mais frágil dos seres viventes. Sem a “ajuda” daqueles que o reproduzem, sem o acolhimento daqueles que o recebem, ele perece.

Lacan vai no mesmo sentido: o ser humano se define pela Falta-para-ser. Jamais alguém foi tão preciso. O ser humano é um ser inacabado por essência. Nunca está “pronto” defino eu. Seu destino é a sublimação: em sua subjetivação e em obras. Um ser com o benefício da falta-para-ser é um ser que sempre lutará para preencher uma falta-para-ser que não preenche.

A falta-para-ser do sujeito humano, além da fragilidade física, corporal, se deve ao fato de ser um *fal'ente*. Só na ausência de si ele existe. Outro paradoxo, ele é, ele se constitui no imaginário, no simbólico e no real.

Benfazejo paradoxo. Um ideal de ego sempre reanimando a chama criativa do desejo. Sempre proporcional à inversão do ego ideal. Narcisismo é trava à definição da falta-para-ser. E a-viciado é a morte da falta-para-ser. Triste possível destino lançado nos cinco primeiros anos da existência.

De todo modo nessa derelição existencial o amor é a salvação do ser derrelito. O amor não supre a falta-para-ser, o amor a suplementa, o amor acolhe, o amor acalenta, o amor reconhece e o ser-falta-para-ser vai lentamente surgindo, o “Nome-do-pai o liberta da condição incestuosa da mãe e ele... Pedro... Maria, nome ado/a vai se assumindo como sujeito.

Nunca pronto, mas autônomo.

O amor não complementa, ele anularia a falta-para-ser que de essência, de estrutura é do *fal'ente*.

Nessa jornada existencial, garantida pelo amor-de-reconhecimento ele vai sempre aspirar por uma situação ou condição estrutural: “Amar é dar o que não se tem” (Lacan). Se não se tem, como dar? Sim, paradoxo sublime, grandeza humana: “dou minha falta-para-ser amado”.

Falta benfazeja, jamais preenchível e, por isso, sempre viva, renovada.

Sustento e significado mais alto da existência: confissão perene de que eu preciso do outro/a para continuar existindo com sentido de existir.

Viver verdadeiro é viver com amor.

O amor tem infinitas faces, mas todas elas levam uma marca, um sinal que possibilita sua identificação. Vai desde coisas mínimas, mesmo aparentemente banais da vida cotidiana, mas alimento, fertilizante da troca, é sempre um “togue” que aquece.

Portanto, amor só é amor se leva em conta, sempre, o outro. Amor não existe sem o outro. E quando o outro não sai do horizonte tudo tem um sentido na existência.

Entre as marcas do amor, a ternura sem dúvida, é traço maior. A ternura é uma delicadeza que encanta, é um bálsamo que unta as partes como o perfume do amor. A ternura de uma mulher é indubitavelmente um encanto irresistível, uma fineza de alma, de caráter que eleva as relações humanas ao refino do humano.

Ternura, a verdadeira beleza de uma mulher.

Poesia pura?

Impossível não se entregar à beleza, à magia da ternura. É o encantamento do amor.

Outro traço do amor é a compaixão.

Dó é um horror, é superioridade diante do frágil, é passar recibo de que a miséria do outro é sem saída. A compaixão, porém, é compadecer com o fraco, o doente, o desaventurado. Compaixão é uma qualidade do amor verdadeiro pelo outro, como outro.

Compaixão é pegada do amor que eleva o outro, o conforta, o ampara, o liberta.

Compaixão sempre tem um retorno de pureza de intenção, de contribuir para a realização do outro.

Compaixão é viver a solidariedade humana: somos todos iguais; a acepção de pessoas, seja ela qual for, é sempre algo abominável, obstáculo frontal à vivência e à prática do amor.

O apóstolo Paulo que viveu intensamente o amor a Deus e ao próximo, assim descreve o amor.

“E agora vou mostrar para vocês um caminho bem melhor”.

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos,
Se eu não tenho o amor,
Sou como sino ruidoso
Ou como címbalo estridente.
Ainda que eu tenha o dom da profecia,
O conhecimento de todos os mistérios
E de toda a ciência,
Ainda que eu tenha toda a fé,
A ponto de mover montanhas,
Se eu não tenho o amor,
Eu nada sou.

Ainda que eu reparta todos os meus bens,
Ainda que eu entregue meu corpo às chamas,
Se eu não tenho o amor,
Nada disso me adianta.
O amor é paciente,
Prestativo é o amor,
Não é invejoso, não se vangloria,
Não se incha de orgulho.
Não falta com o respeito,
Não é interesseiro,
Não se irrita, não planeja o mal.
Não se alegra com a injustiça,
Se alegra com a verdade.
Tudo desculpa, tudo crê,
Tudo espera, tudo suporta.
O amor nunca acabará.
As profecias desaparecerão,
As línguas cessarão,
O conhecimento desaparecerá.
Pois conhecemos em parte
E profetizamos em parte.
Mas, quando chegar a perfeição,
O que é parcial desaparecerá.
Quando eu era criança,
Falava como criança,
Pensava como criança.
Raciocinava como criança.
Quando me tornei adulto,
Abandonei as coisas de criança.
Pois agora vemos por reflexo em espelho,
Mas depois conhecerei
Tal como sou conhecido.
Agora permanecem
A fé, a esperança e o amor,
Essas três coisas.
A maior delas é o amor”

E já que falamos em Escritura tem uma passagem em que Cristo fala do casamento: “o que Deus uniu o homem não separe”. Texto simplesmente esplêndido, de imenso conhecimento do que é o amor no casamento.

O ser humano por habitar fora de si não pode fugir à fragilidade de errar. Guiado pela consciência e pelo superego deverá sempre e em todas circunstâncias se pautar pela lei ou norma. Mas o imaginário sempre se intromete no simbólico e, não raro, acaba derrapando no real.

É assim que, respeitante à escolha matrimonial, muitas circunstâncias, motivações ou ilusões podem leva-lo/a à uma opção equivocada: interesses materiais, financeiros, “alpinismo”, paixão, beleza, futilidades... podem induzir escolhas não reais, não verdadeiras.

Contudo, concernente a belíssima afirmação de cristo, quando um casal se forma pela união de alma, do espírito e dos corpos o amor emerge como uma cola, um selo, uma “química” inundantes e com crescimento montante.

É a felicidade possível para a mulher e homem numa vida de partilha total.

Como o amor nunca está pronto essa união benfazeja e altruísta se mantém e cresce na medida em que ela é regida rigorosamente pelo pacto, a aliança. Símbolo: esse anel de ouro que o dedo da mão esquerda de cada um ostenta. Símbolo do que? De que tudo, absolutamente tudo no relacionamento seja regido pelo pacto, isto é, que a vida de ambos seja compartilhada no terceiro interposto, isto é, na aliança. É a promessa posta em prática resolutamente. Nada levado ao afrontamento ao bater de frente, à vida pessoal de cada um... Tudo a ser encarado no terceiro ponto, juramento da promessa. Este casal tem a sorte de uma escolha baseada no real, limpa de qualquer imaginário doentio, narcísico ou egoísta... A renúncia que tal amor exige e a condição da sublimação. Nada de renúncia por renúncia ou interesseira. “Estética da renúncia”, “uma obra de arte” disse Fernando Pessoa. Sempre o novo.

*Casamento
(Adélia Prado)*

Há mulheres que dizem:
“Meu marido, se quiser pescar, pesque,
Mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
Ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
De vez em quando os cotovelos se esbarram,
Ele fala coisas como ‘este foi difícil’
‘prateou no ar dando rabanadas’
E faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
Atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa, vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
Somos noivo e noiva”.

Esse casal tem uma consciência aguda de que só o amor pode sustentar tal união, só o amor é a água benfazeja e o adubo certo dessa planta que pode se tornar frondosa e mesmo se frutificar em rebentos, fruto e testemunho desse amor.

De qualquer modo “que o homem não separa esse casal que certamente Deus uniu”.

Alceu de Amoroso Lima, (Tristão de Athayde), cristão autêntico, e escritor do século passado ao morrer, pediu aos filhos que em vez de flores no caixão, pusessem as cartas de amor que a esposa lhe escreveu vida afora!

In extremis

(Olavo Bilac)

Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
Assim! De um sol assim!
Tu, desgrenhada e fria,
Fria! Postos nos meus os teus olhos molhados,
E apertando nos teus os meus dedos gelados...
E um dia assim! De um sol assim! E assim a esfera
Toda azul, no esplendor do fim da primavera!
Asas, tontas de luz, cortando o firmamento!
Ninhos cantando! Em flor a terra toda! O vento
Despencando o rosais, sacudindo o arvoredo...
E, aqui dentro, o silêncio... E este espanto! e
[este medo!
Nós dois... e, entre nós dois, implacável e forte,
A arredar-me de ti, cada vez mais, a morte...

A vida matrimonial quando leva o timbre de tal autenticidade é uma das maiores felicidades neste mundo: o desamparo inicial e estrutural encontra no dia a dia a pilastra do amor como garantia do “nunca está pronto” e de que “sempre o novo” afasta o hábito, a repetição do sintoma.♦

¹ Palestra realizada no dia 04 de abril de 2025 na atividade “Cartelando: sobre o amor em Freud e em Lacan” na Associação Campinense de Psicanálise.



ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE
DE PSICANÁLISE

www.acpsicanalise.org.br
acp@acpsicanalise.org.br
Campinas/SP